

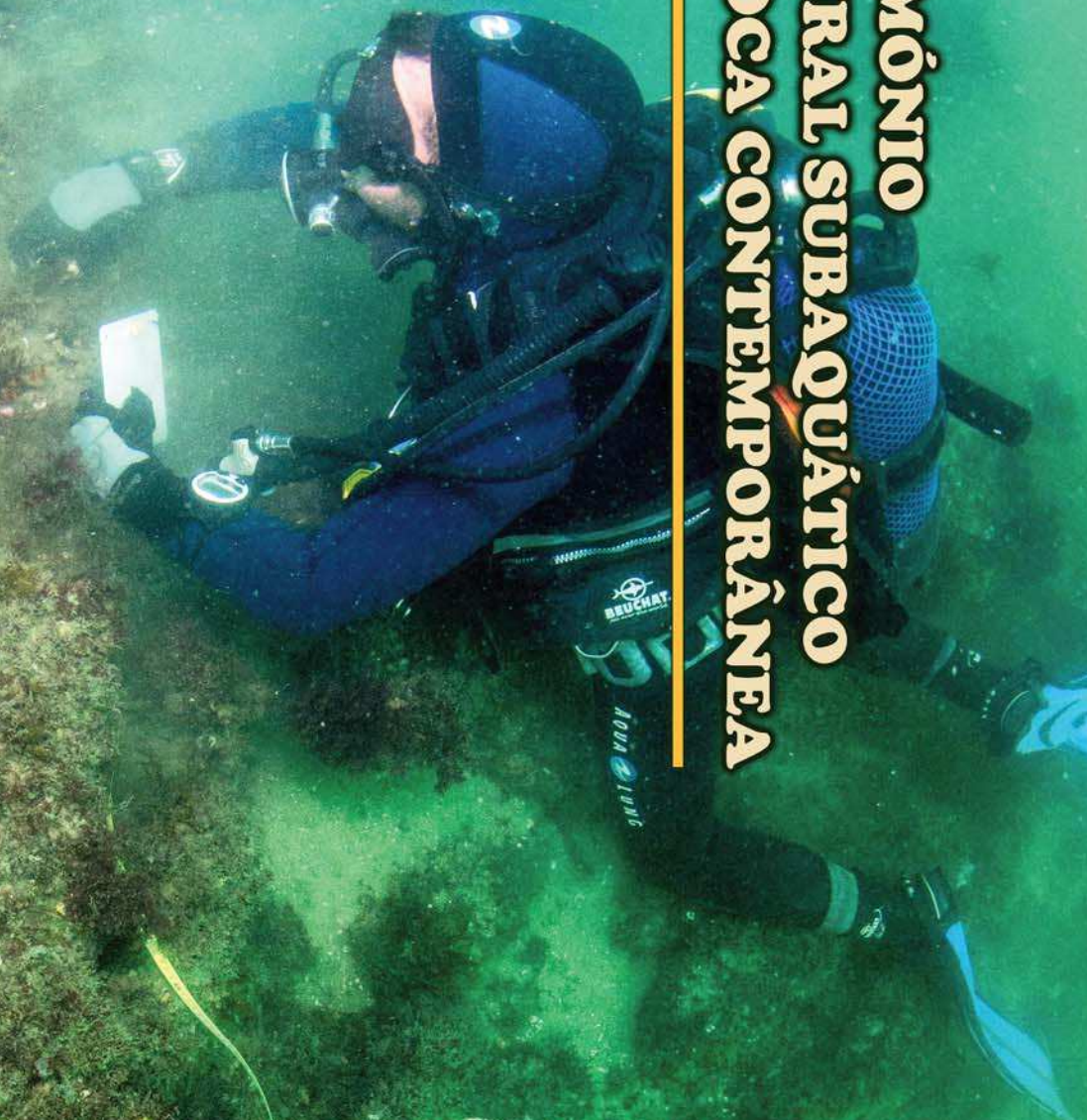
Algarve

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

2.ª série #21 Jul. 2017

dossiê

PATRIMÓNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO DE ÉPOCA CONTEMPORÂNEA



**Gravação, temática e função
das gemas romanas**

**Então?
Já chegámos
ao Antropocénico?...**

Preço: 15 €



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

dois suportes...

...duas publicações diferentes

**o mesmo
cuidado editorial**

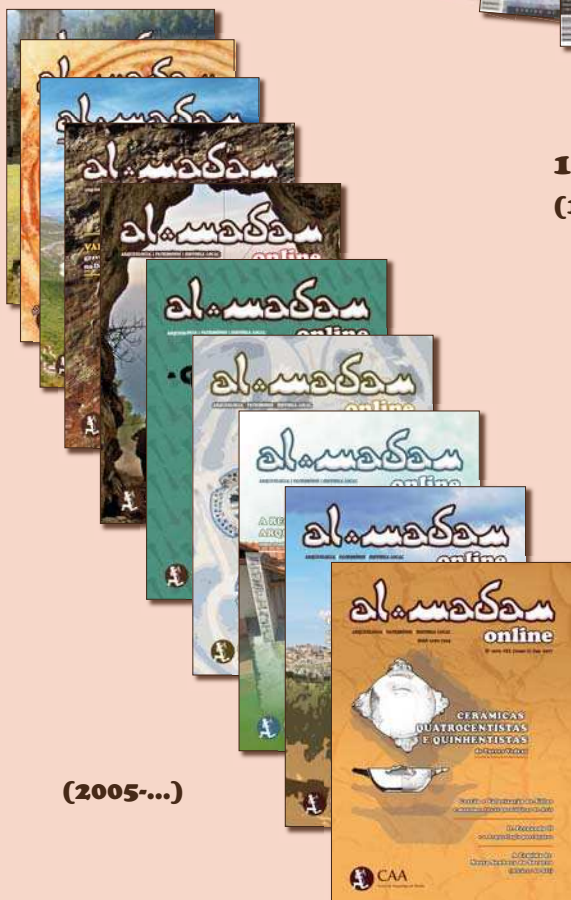
al·madan

edição impressa



**1.ª Série
(1982-1986)**

**2.ª Série
(1992-...)**



(2005-...)

**al·madan
online**

**edição digital
em formato pdf**

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]

edições



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Arqueólogo subaquático da equipa do Centro de Investigação Naval (CINAV) da Marinha portuguesa prepara-se para registar canhão em bronze coberto com bastante biodiversidade localizado na zona de Carcavelos. A imagem foi captada no Verão de 2016, no âmbito do Projecto de Carta Arqueológica Subaquática do Litoral de Cascais (ProCASC).

Fotografia © Augusto Salgado.

al-madan

II Série, n.º 21, Julho 2017

Proprietário e editor | Centro de Arqueologia de Almada, Apartado 603 EC Pragal, 2801-601 Almada, Portugal
NIPC | 501 073 566

Sede | Travessa Luís Teotónio Pereira, Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.com

Internet | www.caa.org.pt/

Publicidade e distribuição | Centro de Arqueologia de Almada

Registo de imprensa | 108998

ISSN | 0871-066X

Depósito Legal | 92457/95

Estatuto editorial | www.almadan.publ.pt

Impressão | Jorge Fernandes Ld.ª, Rua 1.ª do Conde de Mascarenhas, 9, 2820-652 Charneca de Caparica

Tiragem | 300 exemplares

Patrocínio | Câmara M. de Almada

Parceria | ArqueoHoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.ª

Apoio | Neoépica, Ld.ª

Director | Jorge Raposo (director.almadan@gmail.com)

A Arqueologia e a intervenção sobre o Património arqueológico registaram profundas transformações nas últimas décadas, por razões internas ao seu *corpus* teórico e metodológico, pela incorporação de novas tecnologias e, em boa parte, devido à crescente transdisciplinaridade exigida pela procura de resposta para questões científicas complexas e para a satisfação das necessidades emergentes das sociedades contemporâneas. Esse contexto cultural e social dinâmico reflecte-se também no sistema de referências e valores individuais e de grupo associados à Arqueologia e ao Património, induzindo alterações nas estratégias e nas práticas públicas e privadas que, em alguns casos, têm tradução no enquadramento legal nacional e internacional. Estas considerações generalistas adquirem maior acuidade se aplicadas à Arqueologia e ao Património subaquático, onde é já possível avaliar o impacto da Convenção aprovada pela UNESCO em 2001, e a sua compatibilização com o Direito português e internacional. É esse o tema central desta edição da *Al-Madan*, com artigos que o discutem na perspectiva jurídica e pela apresentação de casos concretos de identificação, investigação, conservação, valorização e gestão de Património cultural subaquático de Época Contemporânea, âmbito que é limitado por constrangimentos específicos. As análises conjugam Arqueologia e Património com Direito, História, Antropologia, Arquivística, Conservação, Biologia, Geofísica, Informática, Biometria, Educação Patrimonial... e dão-nos uma visão de conjunto muito rica e diversificada sobre a presente situação portuguesa.

Como é hábito, o volume tem outros motivos de interesse. Na interface com a Paleontologia, questiona-se a construção teórica de uma nova unidade cronostratigráfica, o “Antropocénico”. No plano estritamente arqueológico, trata-se a questão dos artefactos pré-históricos em sílex *versus* “pedras de fúsil” dos séculos XVII-XIX e, também, a temática e a função das gemas gravadas em Época Romana, sendo ainda apresentados resultados de intervenções em Almada e Odemira. Em artigo de opinião, discutem-se as anunciadas alterações ao modelo de gestão do Património cultural português. A historiografia da Arqueologia nacional é enriquecida com a divulgação do mais antigo registo conhecido da escavação de um sítio pré-histórico no nosso país e, na rubrica de Património, pode ler-se um estudo de Arqueologia industrial sobre o “Arco” de Euston, em Londres, e outro dedicado às estruturas medievais e modernas do castelo de Portel. A encerrar, há ainda noticiário arqueológico diversificado, balanço de vários eventos e edições recentes, informação breve sobre outras novidades editoriais e, a fechar, recortes da comunicação social portuguesa. Resta lembrar que, em paralelo, tem ao seu dispor mais um tomo da *Al-Madan Online*, com outros conteúdos de acesso gratuito e generalizado em <https://lissuu.com/almadan>. Nestas páginas ou na Internet, votos de boa leitura...

Jorge Raposo

Conselho Científico | Amílcar Guerra, António Nabais, Luís Raposo, Carlos Marques da Silva e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Centro de Arqueologia de Almada (sede): Vanessa Dias, Ana L. Duarte, Elisabete Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português), Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Fernanda Lourenço e Sónia Tchissole

Colunistas | Luís Raposo e António Manuel S. P. Silva

Colaboram neste número | Clementino Amaro, Telmo António, Manuel Barreto, Estibaliz Berecibar, Carlos Boavida, Jacinta Bugalhão, Guilherme Cardoso, João Luís Cardoso, Tânia Manuel Casimiro, Ana Castanheira, Alexis Catsambis, Paulo Costa, Graça Cravinho, Carlos Didelet, Ana Luísa Duarte, Lídia Fernandes, Paulo Almeida Fernandes, Margarida Figueiredo, Tiago Miguel Fraga, Jorge Vaz Freire, Mário Varela Gomes, José António Gonçalves, António Gonzalez, Raquel Granja, Fernando Henriques, Eva Leitão, Adriana Lourenço, Rui Mataloto, Alexandre Monteiro, Kate Morrand, Nuno Neto, Eduardo Porfírio, Jorge Raposo,

Ana Cristina Ramos, José Bonifácio Ramos, Paulo Oliveira Ramos, Luís Raposo, Paulo Rebelo, Ricardo Ávila Ribeiro, Sérgio Rosa, Jorge Russo, Augusto Salgado, Raquel Santos, Miguel Serra, António Manuel Silva, Carlos Marques da Silva, Sofia Silva e Jorge Vilhena

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a publicação respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

EDITORIAL ...3 ▶

CURTAS ...6 ▶

CRÓNICAS DE...

PRÉ-HISTÓRIA ANTIGA | Luís Raposo ...8 ▶

ARQUEOLOGIA PORTUGUESA |
António Manuel S. P. Silva ...11 ▶

PALEONTOLOGIA

Então, Já Chegámos ao Antropocénico?... |
Carlos Marques da Silva ...14 ▶

ARQUEOLOGIA

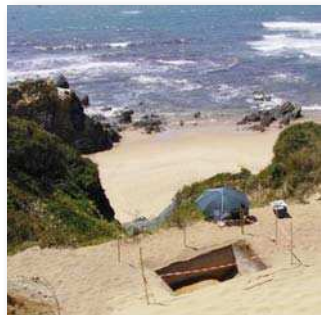
Antes Petiscavam e Feriam...
agora já não | Luís Raposo ...20 ▶

Gravação, Temática e
Funções das Gemas Romanas
| Graça Cravinho ...25 ▶



Intervenção Arqueológica
na Rua Capitão Leitão, N.º 2
(Almada): notícia preliminar |
Sérgio Rosa, Fernando
Henriques e Telmo
António ...32 ▶

Intervenção
Arqueológica em Vila
Formosa (Odemira): dados
preliminares | Miguel Serra,
Eduardo Porfírio, Ana
Cristina Ramos, Margarida
Figueiredo e Jorge
Vilhena ...41 ▶

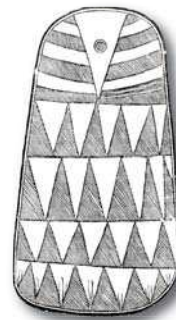


OPINIÃO

O Novo Modelo de Gestão Descentralizada
do Património Cultural: compartimentação geográfica
e fragmentação | Jacinta Bugalhão ...51 ▶

HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA
PORTUGUESA

O Mais Antigo Registo Conhecido da
Escavação de uma Estação Pré-Histórica
em Portugal: São Torpes e a sua sepultura
da foz da ribeira da Junqueira (Sines) |
João Luís Cardoso ...132 ▶



PATRIMÓNIO

Recuperar um Símbolo do
Passado. O “Arco” de Euston,
em Londres: Património,
vandalismo e Arqueologia
industrial | Paulo Oliveira
Ramos ...142 ▶

O Castelo de Portel:
contributo para o seu
estudo | Adriana
Lourenço ...147 ▶



NOTICIÁRIO
ARQUEOLÓGICO

Projecto Arqueológico do Outeiro
do Circo: campanha de 2016 |
Miguel Serra, Eduardo Porfírio
e Sofia Silva ...153 ▶

Primeira Notícia sobre uma
Sepultura Neolítica em Fossa
Identificada nos Antigos
Armazéns Sommer, em Lisboa |
Paulo Rebelo, Nuno Neto,
Ricardo Ávila Ribeiro, Raquel Granja
e João Luís Cardoso ...158 ▶



Neoépica, Lda:
principais intervenções de 2016 |
Nuno Neto, Paulo Rebelo
e Raquel Santos ...161 ▶

Vestígios da Idade do Ferro
ao Período Medieval em
Monsanto, Lisboa | Guilherme
Cardoso, Carlos Didelet e Eva Leitão ...163 ▶

dossiê

PATRIMÓNIO CULTURAL SUBAQUÁTICO DE ÉPOCA CONTEMPORÂNEA



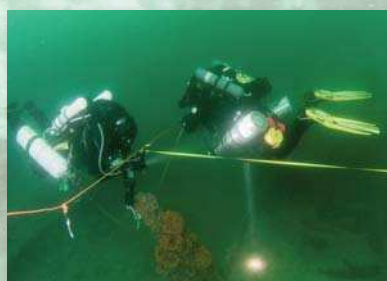
Questões Emergentes do Património Cultural Subaquático | José Luís Bonifácio Ramos ...56 ▶

Os Bens Culturais Subaquáticos: o caso de Cascais | Jorge Vaz Freire ...67 ▶



Canhoneira Faro | Tiago Miguel Fraga ...96 ▶

Os Desafios da Conservação *In Situ* | José António Gonçalves ...103 ▶



Arqueologia de um Episódio Naval da Grande Guerra: desenvolvimento e adaptação de métodos e técnicas | Augusto Salgado e Jorge Russo ...76 ▶



A Biologia Marinha como Forma de Gestão dos Patrimónios Naturais e Culturais | Ana Castanheira e Estibaliz Berecibar ...117 ▶

Património Cultural Subaquático da Grande Guerra: localização e identificação do destroço do caça-minas



Roberto Ivens (1917) | Paulo Costa e Alexandre Monteiro ...86 ▶

Ligando os Naufrágios: um exemplo da importância do Património Cultural Subaquático através de uma abordagem de Educação Patrimonial em diversas escalas | Alexis Catsambis e Kate Morrand ...123 ▶



EVENTOS

Curso de Arqueologia da Arquitectura no Museu de Lisboa - Teatro Romano | Lídia Fernandes ...165 ▶

A Exposição Temporária Debaixo dos Nossos Pés: pavimentos históricos de Lisboa | Lídia Fernandes, Jacinta Bugalhão e Paulo Almeida Fernandes ...168 ▶

I Colóquio Internacional de História das Ideias e dos Conceitos em Arqueologia | João Luís Cardoso ...171 ▶

A Morte em Lisboa: novos dados, novas problemáticas | Mário V. Gomes, Tânia M. Casimiro e Carlos Boavida ...172 ▶

Esta Lisboa Que Eu Amo... Homenagem a Eduardo Sucena (1928-2016) | Mário Varela Gomes, Tânia Manuel Casimiro e Carlos Boavida ...173 ▶

EDIÇÕES

A Rui Boaventura. Homenagem à sua Memória: apresentação do volume 23 dos *Estudos Arqueológicos de Oeiras* | João Luís Cardoso e Rui Mataloto ...175 ▶

NOVIDADES EDITORIAIS ...177 ▶ RECORTES ...178 ▶

O Castelo de Portel

contributo para o seu estudo

Adriana Lourenço¹

INTRODUÇÃO

Portel terá sido ocupado desde a Idade do Ferro e depois durante o Período Romano, tendo sido exploradas, nessa altura, as minas de metais, devido à procura do cobre, cujos vestígios de exploração mineira ainda se encontram no denominado sitio dos Algares (PERY, 1889).

Posteriormente foi ocupada pelos muçulmanos, pois foram eles que construíram as muralhas de taipa, ainda hoje visíveis, da designada cerca velha.

O castelo de Portel dominava visualmente uma das grandes vias da *Kura* de Beja. Para além disso, tratava-se de um território com solos muito férteis para a agricultura, tendo sido essa umas das principais razões para, em 1261, ter sido dada a autorização a D. João Peres de Aboim, para ali, construir-se uma fortaleza (“*mando eciam et concedo et do vobis pleban et liberam potestatem quod vos infra términos supradictos faciatis si vobis placuerit castellum et fortaleciam qualem vobias placuerit*”) que corresponde ao atual castelo (MACIAS, 2006: 12).

A concessão régia de D. Afonso III, feita em 1261 ao seu conselheiro e valido D. João Peres de Aboim e ao seu filho, D. Pedro Anes de Aboim, para edificarem na vila um recinto fortificado, revela que a povoação se encontrava na altura com as defesas debilitadas, achando-se, possivelmente, as muralhas em taipa em estado de ruína. O circuito amuralhado, que se pode ainda hoje observar, apesar das numerosas modificações, data talvez do século XIII ou primórdios do século XIV. Todavia, pensa-se que a obra terá estado a cargo dos donatários ou do rei D. Dinis. D. Nuno Álvares Pereira, novo comendador da vila por doação de D. João I, após a tomada do castelo aos castelhanos em 1384, reformou a cidadela, a qual sofreu profunda transformação em 1510, com a construção dos Paços de D. Jaime, Duque de Bragança, obra concedida a Francisco de Arruda pelo Vedor João Carreira e assistência do visitador da coroa, Nuno Velho.

O castelo recebeu da casa brigantina, sua donatária ancestral, importantes obras de restauro e consolidação, sobretudo na torre de menagem, em 1975, debaixo da direção técnica dos Monumentos Nacionais (ESPANCA, 1975: 195).

Contributo para o estudo do castelo de Portel, povoação localizada entre duas serras importantes, a Serra de Portel e a Serra do Mendro, onde os recursos de água e as condições necessárias à sobrevivência humana permitiram a fixação de comunidades desde a Pré-História.

Vestígios da presença de Fenícios, Romanos e Muçulmanos estão ainda hoje patentes na rede viária e nas muralhas do castelo.

PALAVRAS CHAVE: Castelo; Idade Média; Idade Moderna.

ABSTRACT

Contribution to the study of the Castle of Portel, a small town located between two important mountain ranges - the Portel Mountains and the Mendro Mountains -, where water resources and other conditions required for human survival allowed for communities to settle there since Prehistory.

Remains of the presence of Phoenicians, Romans and Muslims can be seen to this day in the road network and castle walls.

KEY WORDS: Castle; Middle ages; Modern age.

RÉSUMÉ

Contribution à l'étude du château de Portel, village situé entre deux monts importants, celui de Portel et celui de Mendro, où les ressources en eau et les conditions nécessaires à la survie humaine ont permis la sédentarisation de communautés depuis la Préhistoire.

Des vestiges de la présence des Phéniciens, des Romains et des Musulmans sont encore aujourd'hui visibles dans le réseau routier et les murailles du château.

MOTS CLÉS: Château; Moyen Âge; Période moderne.

¹ Licenciada em Arqueologia pela Universidade de Évora (adriana_lourenco11@hotmail.com).

Por opção da autora, o texto segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Foto: A Terceira Dimensão (<http://portugalbloggrafia.com.br/2014/03/castelo-de-portel.html>).



FIG. 1.

1. O CASTELO

A fortaleza ergue-se numa cota de 340 metros, de onde se consegue dominar a paisagem para Este e Oeste, sendo o contato visual cortado para Beja pela Serra do Mendro.

O monte de S. Pedro, a norte, parece ter sido outro ponto importante, servindo como local de vigia. Embora a ausência de vestígios no local não permita confirmar esta hipótese, é possível que possa ter havido no local uma torre atalaia (ESPANCA, 1975: 196).

A fortificação islâmica abrange o espaço ainda hoje denominado de Vila Velha, um cerro semidespovoadado que a vila pós-medieval envolve nos seus lados norte, oeste e sul. Situada no topo de um outeiro, é circundada por muralhas de taipa pontuadas por torreões quadrangulares (Fig. 1).

Aparentemente, o amuralhamento de Portel conheceu duas fases: uma mais antiga, onde se construiu a cerca que encerra a Vila Velha, sendo que as muralhas que subsistem serão já do período posterior à Reconquista. A fortificação foi reconstruída na Baixa Idade Média, período no qual se deu a construção de um castelejo para a morada do alcaide da vila, situada no extremo oeste da fortificação. No território da *Kura* encontramos situações similares, nomeadamente em Moura, em Serpa e no Castro da Cola (MACIAS, 2006: 13).

Tipologicamente, o castelo de Portel é uma fortificação plenamente gótica, de planta heptagonal, construída diretamente na rocha e situada na cota mais elevada da vila velha, encontrando-se rodeada por só-

lidas cortinas e torres de formato circular nos seus ângulos. A porta achava-se protegida por imponente torre de menagem quadrangular, elevada a cerca de 25 metros de altura e com disposição interna de dois pisos acima da linha de adarve, ambos cobertos por abóbada de cruzaria de ogiva. O portal de acesso ao recinto interior é de arco apontado e a entrada principal faz-se através de um cotovelo. A Sul daquela estrutura, acha-se uma segunda porta, denominada de Beja, indicando a existência de um eixo viário que seguiria em linha recta (FERNANDO, 2008: 15).

A fortificação teria oito cubelos, dos quais restam cinco, tendo sido aqueles renovados durante a reforma manuelina de Francisco de Aruda (Fig. 2). Apresentam seteiras crucíferas e ameias, em péssimo estado de conservação, semelhantes às que se encontram no castelo de Silves e no castelo de Paderne, assim como o habitual adarve de ronda, para o qual se sobe através de escadas laterais adossadas ao paramento de grossa alvenaria (CORREIA, 2010: 33).

1.1. A TORRE DE MENAGEM

Trata-se de uma obra do reinado de D. Dinis, todavia, somente concluída em 1510. Ergue-se na face norte-oriental da fortaleza trecentista, projetando-se, tal como referido anteriormente, a 25 metros do solo, com cunhais marmóreos e erigida utilizando o sistema constru-

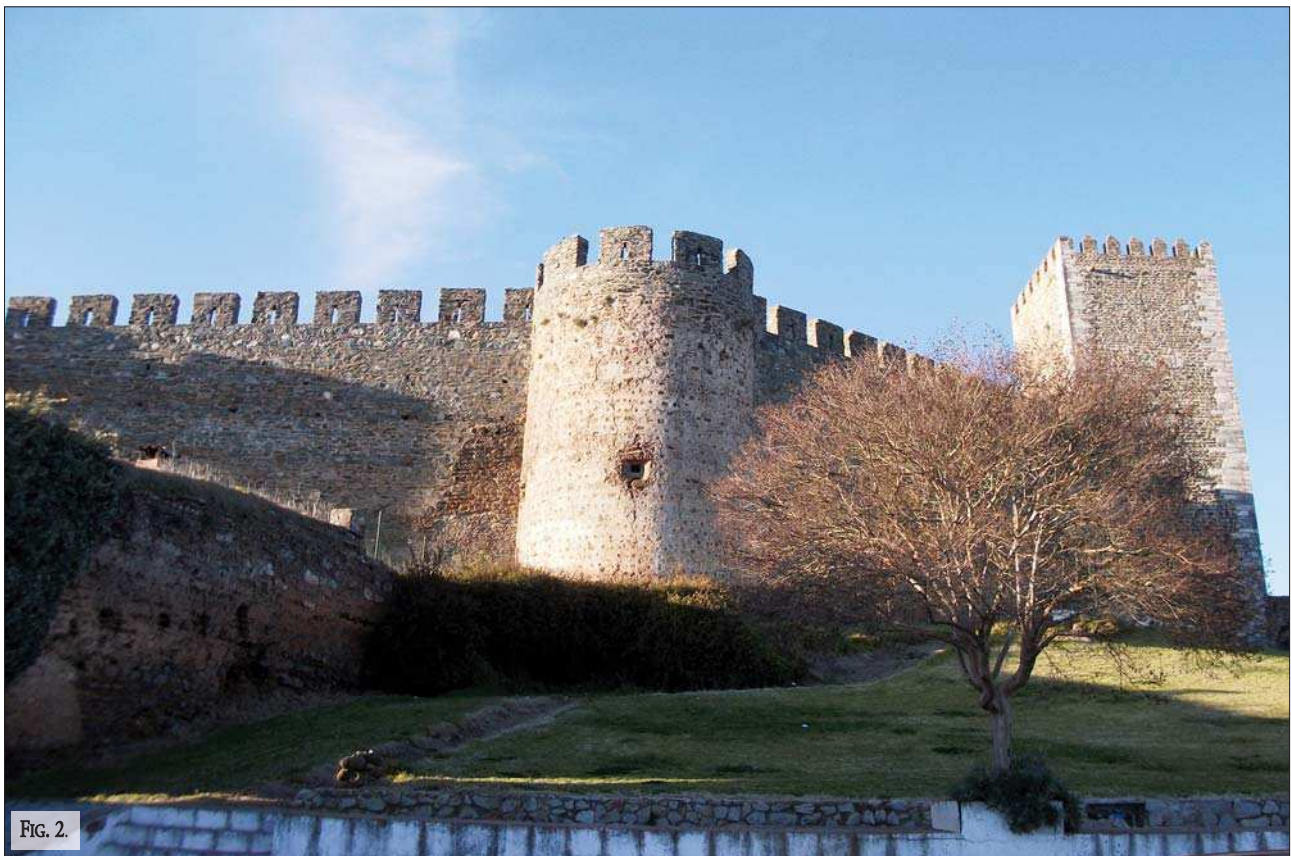


FIG. 2.

tivo *opus incertum*. Foi coroada de ameias quadrangulares no grande restauro de 1974-1975, distribuindo-se a sua planta em três pisos, além do terraço, de onde se observa a paisagem envolvente. Aí se instalou a primitiva residência dos alcaides-mores. O corpo térreo, iluminado por estreitas janelas, servia apenas de cárcere, cuja entrada se fazia através de alçapão situado no primeiro andar. Poucas e amplas janelas iluminavam as duas salas superiores, além das janelas posteriores, de lintéis com arquetas góticas falsas, esculpidas por rosetões serpentiformes ou de folhagem radiante. A porta ogival de cantaria, situada ao nível do adarve e agora reaberta, fora diminuída na reforma palaciana de Francisco de Arruda com outra adintelada e de mai-nel manuelino, que se atingia por duas pontes levadiças de madeira (Fig. 3).

No balcão setentrional da primeira sala, gravada na pedra, subsiste a inscrição: M A 2 D. 1549, possivelmente alusiva ao mestre canteiro que edificou a janela. O interior das dependências, apesar da sua austeridade, oferece certa imponência pelas proporções e materiais empregados, o robusto mármore da região portelense, onde se identificam várias siglas correspondentes às letras A B P V e ao sinal da cruz. As abóbadas são projetadas em dois tramos de arcos góticos, chanfrados, nascentes de ábacos em forma de cunha (um de ornatos singelos, flordelizados), sendo as escadas particularmente íngremes, rasgadas por caprichosas aberturas coetâneas, assim como por orifícios que,



FIG. 3.

através de gárgulas, se destinavam ao arremesso de líquidos ferventes em caso de assédio militar. Em 1510, foi abobada a sala, o que viria a contrariar o plano primitivo que previa a cobertura em madeira (BORRELA, 1995: 13).



FIG. 4.

1.2. PAÇO DOS DUQUES DE BRAGANÇA, CAPELA DE S. VICENTE E EDIFICAÇÃO OGIVAL

Na praça de armas são visíveis diversas construções arruinadas, como a capela de S. Vicente e o paço ducal, que constituíam, no seu conjunto, a maior construção da antiga vila, rodeada naturalmente de outros edifícios de apoio, tais como, celeiros, cavalariças, armazéns militares, fornos e residências de criados, entre outros (Fig. 4).

Ao lado daquela construção, uma pequena ruela fazia a ligação à porta falsa e a outro edifício, hoje em ruínas, de três vãos ogivais, que pode ter servido de pequeno mercado para venda dos produtos agrícolas. Neste espaço é impressionante observar a amálgama de vestígios arqueológicos sobrepostos das mais diversas épocas, desde blocos em mármore que terão sido reaproveitados, possivelmente, das anteriores construções romanas.

Daqueles, é ainda possível identificar a disposição geral dos muros, virando-se a fachada principal para nascente, e alguns arranques de arcos apontados e abóbadas, bem como os vestígios do sistema de canalização. Teve dois andares, reconhecendo-se ainda os degraus de uma escadaria em caracol que conduzia ao andar nobre.

Em associação com o paço, edificou-se a capela de São Vicente, estrutura religiosa provida de nártex e da qual se conserva apenas o arranque dos muros e parte da cabeceira, encimada por botaréus facetados e com abóbada original assente em mísulas características do período manuelino (FERNANDO, 2008: 50).

1.3. BARBACÁ

Após a reconquista cristã da vila, foram construídas novas muralhas. Todavia, delas pouco resta. Na Baixa Idade Média, a defesa do castelo foi complementada com a construção de uma barbacá, de que se con-



FIG. 5.

servam ainda importantes troços a Sul, Norte e poente, compostos por cortina defendida por cubelos quadrangulares. É a essa barbacá que corresponde a porta gótica encimada por brasões reais sobrepostos (Fig. 5). Durante o período manuelino, outras obras tiveram lugar. Nessa altura, Portel pertencia à casa de Bragança e D. Manuel encomendou trabalhos de beneficiação da fortaleza ao arquitecto Francisco de Arruda. Foi sob o seu comando que se edificou nova barbacá, de que resta um cubelo semicircular e uma porta, bem como os paços ducais, atualmente em ruínas no interior do recinto (LIMA, 1992: 22).

1.4. AS PORTAS DA VILA

A porta de Beja situava-se entre dois cubelos cilíndricos e servia a praça de armas, apoiada pela forte torre couraça, cujo túnel era duplamente porticado pelos recintos amuralhados adjacentes. Contudo, as portas da vila eram quatro, entre as quais a do Outeiro, ogival, demasiado alta (ilusão provocada pela falta de aduela de fecho), virada a sudoeste, num pano de muralha feito possivelmente para isolar algumas dezenas de casas de judeus do resto da população. Outra hipótese seria o mau estado de conservação da muralha ter originado o recuo do sistema defensivo nesta área, conservando todavia o recinto isolado, com o acesso ao exterior pela porta de lintel direito, *in situ*, entaipada no quarto de uma casa particular próxima da torre couraça.

Uma outra porta, a porta da Vila Velha ou do Relógio (Fig. 6) também ogival, do lado noroeste, constituía a entrada principal da vila e encontra-se brasonada. O brasão superior tem as armas dos Duques de Bragança, cujos escudetes laterais, orientados para o escudete central, remetem a sua construção para a segunda metade do século XV, antes da reforma do escudo e da extinção da Casa de Bragança operadas por D. João II. Quanto ao brasão inferior, de difícil análise, faltando-lhe possivelmente uma coroa, não tem a bordadura com castelos nem besantes nos escudetes que são esculpidos de diferentes signos e todos orientados para baixo (FERNANDO, 2008: 35). As outras duas portas, uma no lado da Barreira, a Norte, e a outra do lado sul, orientada para Vale de Flores, desapareceram. Nesta última, importantes muros perpendiculares à muralha dificultavam o acesso à barbacã, funcionando em género de torre couraça.

1.5. PRAÇA DE ARMAS E ALCÁÇOVA

A praça de armas do castelo de Portel está rodeada por uma alta muralha octogonal que era protegida por oito cubelos cilíndricos, cada um com três seteiras a meio e a robusta torre de menagem. Ficava-lhe adossada a porta de menagem, duplamente protegida por um lado, da vila velha, pela barbacã, tenalha, duas portas e cubelo cilíndrico, e, por outro, da praça de armas, por um cubelo cilíndrico e porta relativamente pequena. Estamos, sem dúvida, na presença de um sistema defensivo de características góticas, extremamente raro nas fortificações baixo medievais do atual território português e que respeita unicamente à alcáçova – a porta de menagem dava acesso a um pequeno terreiro alpendrado, ficando, respetivamente, da esquerda para a direita, a pequena porta de acesso à praça de armas, a meio o cubelo cilíndrico com seteiras apontadas à porta de Beja e ao terreiro, de frente



FIG. 6.

da abside da igreja, e só depois a entrada para a alcáçova, no interior da qual se comunicava, por escada em caracol protegida por coruchéu cónico e merlões chanfrados, com o adarve de acesso à torre de menagem, último reduto defensivo.

A alcaidaria tinha elementos arquitetónicos dos estilos manuelino-mudéjar e gótico-manuelino (Fig. 7) (ESPANCA, 1975: 197).

Restam alguns vãos na muralha, correspondentes a janelas sobre balcões assentes em cachorros de fino cinzelado, substituindo um deles, no lado poente, extramuros acima da porta falsa, mísulas e várias impostas capituladas, fitomorfas, de feição manuelina. Pela vila extramuros conservam-se alguns elementos deste período, possivelmente provenientes da vila velha e da sua praça de armas.



FIG. 7.

1.6. MURALHAS

Grande parte das muralhas foi edificada em taipa sobre alcerces de pedra, à semelhança daquilo que se verifica em outras fortificações da segunda metade do século XIII, como são exemplo os castelos de Alcácer do Sal, Silves e Paderne (Fig. 8) (MONTEIRO, 1999: 54).

A taipa consiste numa técnica de construção à base de terra crua pela qual se constroem paredes resistentes de forma rápida e económica. A taipa militar distingue-se por conter uma maior quantidade de cal para aumentar a resistência das muralhas em questão. Exemplos desta técnica são também conhecidos nos já referidos castelos de Alcácer do Sal, Silves e Paderne (LEITÃO, 2017: 113).

Uma análise pormenorizada dos panos de muralha da vila de Portel, através da leitura das suas técnicas construtivas, poderá vir a revelar várias fases de edificação, que nos mostrarão um pouco mais da história daquela vila e dos vários povos que nela se instalaram ao longo de séculos.

As muralhas da cerca velha do castelo de Portel, para além dos troços em taipa militar, apresentam vários outros sistemas construtivos que denunciam diferentes fases de edificação, possivelmente ocorridas em períodos distintos, e cuja sua análise será importante para compreendermos às várias dinâmicas ocorridas no urbanismo daquela povoação, assim como determinar cronologias mais precisas (Fig. 9).



FIG. 8.

CONCLUSÃO

Afastado das principais linhas de fronteira, o castelo de Portel foi sendo abandonado até apresentar o estado de ruína que hoje é visível. Apesar dos vários restauros realizados pela extinta Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), em 1938, desde o século XIX que o castelo e as suas muralhas se encontram em ruínas. Com o passar das décadas acentuou-se a sua degradação, culminando com a queda do torreão cilíndrico do paço e, em 1998, desmoronou-se parte do pano de muralha anexo à torre de menagem, que veio a ser restaurado em 1980. Desde 2000 que a fortificação não recebe qualquer intervenção e acentua-se cada vez mais o seu estado de degradação, aguardando futuramente um projeto de investigação e musealização. 🏰

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Pedro A. de (2003) – *Livro dos Bens de D. João de Portel: cartulário do século XIII*. Portel: Câmara Municipal de Portel.

BARROCA, Mário Jorge (2003) – “Arquitectura Militar. Período de Reconquista”. In BARATA, M. T. e TEIXEIRA, N. S. (dirs.). *Nova História Militar de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores. Vol. I.

BORRELA, Leonel (1995) – *O Castelo de Portel. Alguns subsídios para a sua História*. Portel: Junta de Freguesia de Portel.

CORREIA, Luís (2010) – *Castelos em Portugal: retrato do seu perfil arquitectónico (1509-1949)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

ESPANCA, Túlio (1975-1978) – *Inventário Artístico de Portugal. Distrito de Évora (Zona Sul)*. Lisboa: Academia Nacional das Belas-Artes. Vols. 8 e 9.

FERNANDO, António Almeida (2008) – *Portel. Roteiro do Concelho*. Portel: Câmara Municipal de Portel.

GIL, Júlio (2002) – *Os Mais Belos Castelos e Fortalezas de Portugal*. Lisboa: Verbo.

LEITÃO, Marta Isabel Caetano (2017) – “O Uso da Taipa Militar nas Fortificações Muçulmanas do Actual Território Português”. *Al-Madan Online*. 21 (2): 113-119. Em linha. Disponível em https://issuu.com/almdan/doc/sal-madanonline21_2.

LIMA, Paulo (1992) – *Património de Portel. Recenseamento preliminar (áreas rurais)*. Portel: Câmara Municipal de Portel. Vol. I.

MACIAS, Santiago (2006) – *Mértola: o último porto do Mediterrâneo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. Vols. I, II e III.

MONTEIRO, João Gouveia (1999) – *Os Castelos Portugueses dos Finais da Idade Média: presença, perfil, conservação, vigilância e comando*. Lisboa: Edições Calibri / Faculdade de Letras de Coimbra, pp. 51-93.

PATALIM, Francisco de Macedo da Pina (s.d.) – *Relação Histórica da Nobre Vila de Portel...* Edição manuscrita fac-similada. Portel: Junta de Freguesia e Câmara Municipal [ed. original: 1730].

PERY, Gerardo Augusto (dir.) (1889) – *Monographia do Concelho de Portel*. Lisboa: Imprensa Nacional, pp. 997-1028. Em linha. Disponível em <http://www.bdalentejo.net/BDAObra/BDADigital/Obra.aspx?id=247#> (consultado em 2017-06-11).



FIG. 9.